

A EXCLUSÃO ESCOLAR NA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE ENSINO: A HISTÓRIA CONTINUA NO SÉCULO XXI

DEL PINO, Mauro Augusto Burkert – UFPel – mauro.pino@terra.com.br

PORTO, Gilceane Caetano Porto – UNIPAMPA-Jaguarão – gil.porto@terra.com.br

GT: Educação Fundamental / n.13

Agência Financiadora: FAPERGS

Introdução

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultados preliminares da pesquisa em andamento, “O lugar do professor na exclusão escolar”, que visa investigar a expressão do fenômeno da exclusão escolar na rede de ensino público municipal da cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul. Esta pesquisa procura analisar a exclusão escolar, buscando seus componentes de produção e relacionando-os com a formação docente, com o processo de trabalho docente e com as condições sócio-econômicas dos alunos e dos professores. Os resultados aqui apresentados e discutidos foram obtidos a partir da conclusão da primeira etapa da pesquisa, quando foi realizado o mapeamento da realidade escolar da 1ª série do ensino fundamental da rede municipal de ensino.

Nesta investigação, utiliza-se o conceito exclusão escolar em sua dupla dimensão, conforme demonstrou Ferraro (1999; 2004). De um lado a exclusão *da* escola, que se refere tanto ao não acesso à escola quanto ao que habitualmente se denomina evasão da escola. De outro lado, a exclusão *na* escola, que remete à exclusão operada dentro do processo escolar, por meio de mecanismos como reprovação e repetência.

Ferraro (2004, p.48) explica que não tem “a pretensão de sustentar que a perspectiva da exclusão seja melhor do que a do fracasso”. Estudos como os de Maria Helena de Souza Patto (1990) mostram a pertinência e o alcance teórico-metodológico da perspectiva do fracasso escolar. Tanto o conceito de fracasso como o de exclusão tem se detido a analisar fenômenos que “costumam ser denominados de analfabetismo, não acesso à escola, reprovação, repetência, defasagem nos estudos, evasão, etc.” (Ferraro, 2004, p.48). O que se pretende é reconhecer a importância de analisar esse fenômeno em toda a sua complexidade.

Por outro lado, é importante reconhecer o que observam Marchesi e Pérez (2004, p.17), uma vez que “o termo ‘fracasso escolar’ é amplamente difundido em todos os países e é muito mais sintético que outras expressões, por isso não é fácil modificá-lo”. Todavia, também não é demais realçar o que estes autores discutem sobre o fracasso

escolar, quando mostram que esse termo pode transmitir a idéia de que o “o aluno ‘fracassado’ não progrediu” durante seus estudos (loc cit), o que transmite uma imagem negativa ao aluno. Da mesma forma quando se aplica a responsabilidade pelo fracasso à escola. Por fim, os autores criticam o fato do conceito sobre fracasso escolar centrar no aluno o problema do fracasso, esquecendo “a responsabilidade de outros agentes e instituições como as condições sociais, a família, o sistema educacional ou a própria escola” (loc cit).

Embora existam muitos estudos a respeito da evasão, da repetência e do abandono escolar, pesquisar estes fenômenos é importante por se tratar de temas polêmicos, que continuam dividindo educadores no que se refere aos fatores responsáveis por sua produção. Mais do que isso, o quadro de exclusão educacional ainda está longe de ser resolvido. É o que mostram os dados encontrados nesta pesquisa, apresentados mais adiante.

Se, por um lado, o problema do acesso da população em idade escolar ao sistema público do ensino fundamental está quase equacionado, representando um avanço para a educação brasileira, por outro o diagnóstico do ensino fundamental no Brasil revela um quadro alarmante e incompatível com as possibilidades econômicas do país. Segundo dados do estudo “Geografia da educação brasileira 2001”, divulgado em 2003 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), do total de alunos que ingressam nos primeiros anos do ensino fundamental, 60% não concluem o ensino médio. De cada 100 crianças que entram no ensino fundamental, 41 não terminam esse nível educacional. Os que concluem, precisam de 10,2 anos. Outro dado importante diz respeito à distorção série/idade. O mesmo estudo do INEP mostra que 39% dos alunos têm idade superior à adequada pra as séries que cursam (Brasil, 2003).

Também em relação às habilidades de leitura e escrita das crianças e jovens brasileiros, os resultados são preocupantes. De acordo com o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), a partir da avaliação realizada no mesmo documento (Brasil, 2003), apenas 4,48% dos estudantes de 4ª série no ano de 2001 apresentavam um nível adequado ou superior ao necessário para continuar seus estudos na série seguinte. A grande maioria dos alunos, 59%, encontrava-se nos estágios mais elementares de compreensão da leitura e da escrita (Brasil, 2003).

A realidade desvelada por esses dados é nítida. Um número muito significativo de crianças passa pelo sistema escolar sem alcançar os objetivos desejados. Muitas delas não aprendem a ler e a escrever na escola brasileira. Portanto, apesar dos avanços

reconhecidos da educação no Brasil, ainda temos uma escola que continua não cumprindo com sua função social. Sendo assim, a investigação da realidade da exclusão escolar se impõe tanto pela sua pertinência quanto pela sua atualidade.

A exclusão escolar e a escola pública

A multirepetência tem se mostrado um dos caminhos mais curtos para a exclusão escolar. A exclusão, afirmada *na* escola, torna-se definitivamente *da* escola (Ferraro, 2004). A trajetória às vezes é curta, mas é sempre dramática. As crianças que fracassam repetem as séries, acabam evadindo, saindo da escola e, não raras vezes, jamais retornam. Como mostra Abramowicz (2000, p.166), “a escola tem produzido desertores e analfabetos”. Os atingidos por este fenômeno estão entre uma população muito bem definida. Segundo Ferreiro (1999, p.20), “é entre a população indígena, rural ou marginalizada dos centros urbanos que se concentram as maiores porcentagens dos fracassos escolares”.

Essa realidade remete para a análise deste fenômeno através do conceito de exclusão escolar. Ferreiro (1999, p.20) sugere que ao invés de se referir ao abandono da escola como “deserção”, teria de chamá-lo de “expulsão encoberta”. Segundo a autora, não se trata apenas de uma mudança de terminologia, “mas de um outro referencial interpretativo, porque a desigualdade social e econômica se manifesta também na distribuição desigual de oportunidades educacionais”.

Oliveira (2006) investiga o aparecimento do conceito de exclusão em periódicos nacionais e identifica os contextos teóricos em que este conceito passou a ser utilizado na pesquisa educacional. Segundo o autor, na década de 1970 e 1980 o uso do termo “esteve associado aos temas da marginalidade cultural e da evasão-repetência, enquanto nos anos 1990 passou a ser utilizado em relação a uma variedade temática bem mais ampla” (ibidem, p.131). Ao analisar os primeiros 25 anos de desenvolvimento deste conceito na literatura educacional brasileira, Oliveira identifica os escritos de Ferraro como precursores da construção deste conceito no Brasil. A novidade introduzida por Ferraro são as fontes utilizadas para o desenvolvimento do conceito. Oliveira (2006) destaca a referência a conceitos próprios da obra de Marx e as formulações de Paulo Freire. Como mostrou o próprio Ferraro, (s/d, 4), “a introdução do termo exclusão no estudo do fenômeno escolar representa uma mudança de perspectiva, tanto no plano científico como no político”.

A concepção de exclusão envolve questões complexas, como a situação de exploração ou marginalização. Segundo Campos (2003), a exclusão tem um sentido especial no caso da educação. “Por envolver fortes aspectos simbólicos, a falta de acesso à educação é um fator poderoso na determinação das situações de exclusão” (Campos, 2003, p.186). Por outro lado, o simples acesso à escola não é fator determinante de inclusão social. A qualidade da aprendizagem e o próprio ambiente escolar ao mesmo tempo em que podem ser fator de inclusão podem contribuir para excluir outros tantos, “tanto objetivamente, pelas oportunidades diminuídas ou negadas, como subjetivamente, pela vivência de experiências de rejeição social e de não reconhecimento de identidade” (loc cit).

Para Arroyo (2000), enfrentar os mecanismos pertinentes ao tema do fracasso passa por superar concepções que o explicam como externo ao processo de ensino e a organização escolar. Para ele, não é simplesmente a temática do fracasso que preocupa, mas como este problema continua sendo encarado. Programas de educação compensatória e abordagens como a da privação cultural, das carências sociais e nutricionais de alunos e suas famílias representam concepções que, embora superadas no discurso, continuam balizando intervenções pontuais bem como políticas públicas.

Essas diferentes concepções foram estudadas por Patto e outros autores (Patto et alii, 2004) em um estudo introdutório do estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar na rede pública de ensino fundamental, partindo da perspectiva histórica da pesquisa educacional no Brasil. Revelaram vertentes que compreendem o fracasso escolar como problema essencialmente psíquico, como problema meramente técnico, como questão institucional e como questão fundamentalmente política. A partir deste e de outros estudos é possível observar a praticamente inexistência de pesquisas que discutam o processo de fracasso escolar em relação à qualidade da formação docente, sem deixar de levar em consideração os aspectos estruturais do sistema de ensino.

A literatura vem apontando (Patto et alii, 2004) que não se pode compreender o fracasso escolar como resultado de variáveis individuais. Mas, por outro lado, Nóvoa (1997, p.32) chama a atenção para o fato de haver “o reconhecimento de que não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente”.

Já Abramowicz (2000, p.165) acrescenta o fato de que “o erro, o fracasso e a repetência, que são vias de ruínas, só podem ser definidos no interior de uma prática específica e definida, ou seja, cada escola produz um tipo de aprendiz e de repetente”. A

forma de organização da escola também é um elemento importante no processo de produção do fracasso escolar. Outras pesquisas apontam para a importância de levar em consideração os aspectos intra-escolares sobre o desempenho dos alunos.

Segundo estudos de Damiani (2000, p.8), “as professoras (...) consideravam um alívio poder culpar as crianças e suas famílias pelo fracasso acadêmico enquanto se isentavam de examinar os problemas de suas próprias práticas”. A pesquisa desenvolvida pela autora mostra que os aspectos instrucionais da escolarização são mais eficazes na produção do sucesso acadêmico e aponta, justamente, na direção da qualificação profissional para a reversão do fracasso escolar. O sucesso escolar precisa da ação do professor. Segundo (Cava, 1997, p.90), enquanto estiver sendo garantido à criança “apenas o lugar do não-aprender, do não-saber, estaremos negando-lhe a possibilidade da positividade do conhecimento: do aprender, do saber. Continuaremos garantindo-lhe apenas o não-lugar na escola”. O não-lugar é fruto do processo de exclusão escolar.

Já Fernandez (2005), utiliza Bourdieu (1975) para mostrar que ao não serem consideradas as diferenças, as desigualdades iniciais diante da cultura contribuem para as desigualdades de aprendizagem bem como de êxito escolar. Outra conclusão mostrada por Fernandez (2005, p.28) é a de que “crianças oriundas de grupos social, cultural ou etnicamente marginalizados, têm um rendimento escolar inferior à média das crianças dos grupos culturalmente dominantes”. Estudos apontam na direção de que ao não dominarem os códigos lingüísticos, simbólicos e comportamentais da cultura dominante da sociedade, acabam sendo excluídos. Essa também é a abordagem dos estudos culturais, que observam que as *teorias racistas* e a *Teoria da Privação Cultural* ainda hoje estão muito presentes. Elas estabelecem um processo de culpabilização dos alunos e de suas famílias pela sua exclusão (Idem).

Na perspectiva dos estudos culturais, Willis (1991) constrói uma vertente que entende o fracasso escolar como uma forma de resistência, como uma maneira dos estudantes pertencentes aos grupos marginalizados tanto social quanto cultural ou etnicamente afirmarem sua diferença e sua identidade. Em uma escola da Inglaterra, estudantes ao se contraporem as normas e regras escolares acabam se direcionando para o mesmo pólo dos demais alunos, isto é, a classe operária inglesa.

Também há pesquisas que relacionam a avaliação à exclusão escolar. Fernandez (2005) mostra a partir de Lüdke (2001) e Paro (2001) que não se pode imputar à avaliação a responsabilidade pelo fracasso escolar. Mas também não é possível isentá-la

dessa responsabilidade. A reflexão em torno da avaliação só teria sentido se estivesse atravessada pela reflexão sobre a produção do fracasso/sucesso escolar no processo de inclusão/exclusão social.

Uma abordagem fundamental para a compreensão da exclusão escolar passa pela problematização do conceito de exclusão social. Segundo Guimarães (2001), na literatura internacional diversos autores (Costa, 2000; Castel, 1990) afirmam que a exclusão social foi primeiramente adotada pelo discurso e pelas políticas sociais. Por esta via foi progressivamente sendo incorporada pelo discurso político.

Os primeiros autores que desenvolveram estudos sobre esta categoria foram os franceses. Foi por esta via que o termo exclusão social se espalhou por diversos países. Todavia, ainda hoje há teóricos que concordam que esse é um termo que pode ser controverso. Ele surge nos anos 70 como referência aos excluídos, aqueles que estão fora da rede de proteção social. Castel (1990) afirma que a exclusão social pode ser considerada como o extremo do processo de marginalização

Já na tradição britânica a ênfase da abordagem está direcionada aos aspectos distributivos, discutindo as diferenças entre o conceito de exclusão social e o de pobreza. Algumas críticas são feitas a essas abordagens, como o reducionismo e a recuperação da tradicional e preconceituosa idéia de uma classe inferior. Essas formulações acabam entendendo a exclusão como resultado da pobreza.

Há ainda um componente relacional na exclusão social. A partir de Costa (2000), Guimarães (2003, p. 29) mostra que esse componente seria “resultado do acesso que sujeitos e grupos são autorizados a ter com os sistemas sociais básicos – as comunidades, instituições, territórios aos quais pertencem e recursos econômicos”.

Como mostra essa breve revisão conceitual, o processo de construção do conceito de exclusão social ainda está longe de ser encerrado. O que se coloca no cenário dos estudos acadêmicos é a concordância implícita no que se refere a utilidade dos conceitos sobre a exclusão social e, conseqüentemente, de exclusão escolar. Esta pesquisa procura fazer uso deste conceito para melhor compreender como a escola produz e reproduz o fenômeno da deserção, da repetência, da exclusão escolar, em conexão com uma exclusão mais ampla, a exclusão social.

Metodologia

A pesquisa caracteriza-se por ser um estudo de caráter exploratório, descritivo e qualitativo (Bogdan e Biklen, 1994). Exploratório porque permite ao investigador aumentar sua experiência e conhecimento em torno de determinado problema (Triviños, 1987), no caso, em relação ao fenômeno da exclusão escolar nas escolas municipais da cidade de Pelotas. Descritivo porque irá descrever quantitativamente como esse fenômeno se distribui na rede municipal de ensino. Por fim, a pesquisa se caracteriza como qualitativa porque fará uma análise qualitativa do processo de exclusão escolar em quatro escolas: nas duas escolas onde esse fenômeno é mais intenso e, do lado oposto, nas duas escolas onde o fenômeno da exclusão escolar é menos significativo.

O plano de pesquisa está sendo desenvolvido em três momentos. No primeiro momento, etapa já concluída e que gerou os resultados apresentados neste trabalho, foi realizado um mapeamento da realidade da primeira série do ensino fundamental de todas as escolas urbanas da cidade de Pelotas no século XXI, criando uma série histórica do ano 2000 até o ano de 2005, que teve seus resultados contabilizados ao longo do ano de 2006. A pesquisa priorizou as escolas urbanas pelo fato de Pelotas ser um município essencialmente urbano.

O mapeamento da realidade da 1ª série do ensino fundamental da rede municipal de ensino foi feito através do levantamento, em cada escola, do número de alunos matriculados no início do ano; do número de alunos transferidos ao longo do ano e seu percentual; do número de alunos que se evadiram ou abandonaram a escola e seu percentual; do número de alunos que tiveram a matrícula cancelada e seu percentual; da matrícula de alunos no final do ano letivo, obtida subtraindo da matrícula inicial os alunos que foram transferidos, que se evadiram ou que cancelaram a matrícula; do número de alunos reprovados e seu percentual, obtido em relação a matrícula no final do ano letivo; do número de alunos aprovados e seu percentual, obtido também em relação a matrícula final; e do número de alunos excluídos e seu percentual.

Para obter o número de alunos excluídos partiu-se da definição de exclusão escolar de Ferraro (2004), levando-se em consideração os alunos excluídos *da* escola, isto é, os alunos evadidos ou que tiveram sua matrícula cancelada, e os alunos excluídos *na* escola, neste caso os alunos reprovados. Dessa forma, o número de alunos excluídos em cada escola foi obtido somando-se o número de abandonos, o número de cancelamentos e o número de reprovados. O percentual de excluídos foi obtido tomando-se esse número em relação ao número de matrículas no início do ano letivo.

Também nesta primeira etapa foi feita uma revisão bibliográfica do conceito de exclusão, que será ampliada ao longo de toda a pesquisa.

Ao final dessa etapa foram identificadas as quatro escolas que serão objeto de análise na etapa seguinte, as duas escolas de maior exclusão e as duas escolas de menor exclusão da rede pública municipal de ensino. A metodologia adotada para a identificação das escolas que atendem aos critérios de maior e menor exclusão foi obtida com a aplicação do conceito estatístico de moda. Num conjunto de observações ou distribuição de frequência, o valor de ocorrência mais freqüente corresponde a moda (Huot, 2002). A moda, portanto, é o valor mais freqüente em um conjunto de valores numéricos. Assim, da representação gráfica dos dados, obteve-se imediatamente o valor que representa a moda ou a classe modal. Segundo Huot (2002), a moda é especialmente útil para reduzir a informação de um conjunto de dados qualitativos, apresentados sob a forma de nomes ou categorias, para os quais não se pode calcular a média e por vezes a mediana. Portanto, o conceito de moda aplica-se perfeitamente a série criada com os dados de exclusão da rede municipal de ensino de Pelotas.

No segundo momento, será desenvolvido um estudo de caso em duas escolas onde esse fenômeno tem maior frequência. Esse estudo qualitativo será desenvolvido nessa fase por permitir uma variedade de fontes, além de retratar a realidade de forma completa e profunda e enfatizar a “interpretação em contexto” (Lüdke e André, 1986, p.18). O terceiro e último momento corresponde a investigação qualitativa nas duas escolas com menor exclusão escolar.

Tanto na segunda como na terceira etapa serão definidas as amostras de professoras e de alunos a serem entrevistados. As professoras que irão compor a amostra serão alfabetizadoras que tenham em sua classe alunos que estejam repetindo a 1ª série. Os alunos que irão compor a amostra serão alunos multirepetentes. Além da aplicação de entrevistas semi-estruturadas às professoras e aos alunos (Bogdan e Biklen, 1994), em cada etapa será feita uma descrição analítica de cada uma das quatro escolas. Para tanto, serão construídos instrumentos de investigação para realizar as análises necessárias para atingir os objetivos definidos pela pesquisa.

Os achados da pesquisa

A rede pública municipal de ensino da cidade de Pelotas possui um total de 71 escolas de educação fundamental, sendo uma delas também de ensino médio, e 25

escolas de educação infantil. Das escolas de educação fundamental, 38 são escolas urbanas e 33 são escolas localizadas na zona rural. Apesar do número de escolas da zona urbana e rural ser próximo, a realidade dessas escolas é bastante diversa, uma vez que a quase totalidade das escolas rurais têm um pequeno número de alunos, sendo várias delas escolas multisseriadas, isto é, que possuem turmas com uma única professora que atende alunos e alunas de diferentes séries. Na grande parte das escolas multisseriadas de Pelotas as professoras trabalham com alunos e alunas de 1ª a 4ª série.

Essa realidade escolar é típica de uma cidade urbana. O município de Pelotas possuía 342.513 habitantes no ano de 2005 (ITEPA, 2005), 93,72% moravam na zona urbana, totalizando 317.283 habitantes. O número total de alunos da rede municipal, no ano de 2005, era de 23.651 alunos. Já o número de alunos na primeira série do ensino fundamental, também em 2005, era de 3.749 alunos. Destes, 3.232 alunos estavam matriculados nas escolas urbanas, o que representa 86, 21% do total de alunos na primeira série da rede municipal de ensino.

A partir da metodologia especificada para a primeira etapa da pesquisa, foram construídos os diversos indicadores para a 1ª série do ensino fundamental de cada uma das 38 escolas da zona urbana. O conjunto dos dados das escolas foram agrupados por ano, gerando a tabela a seguir.

Tabela 1 Dados da 1ª série do ensino fundamental da rede de ensino municipal de Pelotas - RS

Ano	Matric. Inic.	Transfer.	Transfer.(%)	Abandono	Abandono(%)	Cancel.	Cancel.(%)
2000	3974	289	7,27	249	6,27	10	0,25
2001	4049	290	7,16	251	6,20	12	0,30
2002	3382	312	9,23	122	3,61	6	0,18
2003	3221	300	9,31	179	5,56	20	0,62
2004	3199	245	7,66	163	5,10	21	0,66
2005	3232	266	8,23	96	2,97	15	0,46

Ano	Matric.Final	Reprov.	Reprov.(%)	Aprovados	Aprov.(%)	Excl.	Excl.(%)
2000	3426	1226	35,79	2200	64,21	1485	37,37
2001	3496	1163	33,27	2333	66,73	1426	35,22
2002	2942	838	28,48	2104	71,52	966	28,56
2003	2722	756	27,77	1966	72,23	955	29,65
2004	2770	770	27,80	2000	72,20	954	29,82
2005	2855	913	31,98	1942	68,02	1024	31,68

A coluna com os dados da exclusão foi obtida através da soma dos dados das colunas abandono, cancelamento e reprovação, isto é, os alunos excluídos são aqueles que não retornaram à escola ou que não lograram aprovação na primeira série. Com os

resultados obtidos, é possível verificar os dados alarmantes referentes a exclusão escolar no município de Pelotas, um dos municípios mais prósperos de um dos estados mais desenvolvidos do Brasil. No ano de 2000, de 3974 crianças matriculadas na 1ª série do ensino fundamental, 259 deixaram de estudar (249 que abandonaram a escola e 10 que tiveram a matrícula cancelada) e 1226 crianças foram reprovadas pelo sistema escolar, o que gera um total de 1485 crianças excluídas *da/na* escola, correspondendo a 37,3% das matrículas iniciais. Isto significa que, em média, de cada três crianças matriculadas na primeira série da rede municipal de ensino, uma foi excluída do processo educacional, amargurando o que Arroyo (2000, p.13), chamou de “indústria da reprovação”. Para esse autor, há uma valorização das instituições e de profissionais que optam por selecionar os “cobras” e eliminar os “mediócras”. Essa “cultura da exclusão” estaria encarnada no sistema escolar legitimando esse processo.

Felizmente, esse percentual foi caindo até o ano de 2002, quando atingiu o menor patamar do século XXI, correspondendo a 28,56%. Após, voltou a crescer atingindo, em 2005, o percentual de 31,68%. O gráfico a seguir permite visualizar esses dados com a tendência mencionada.

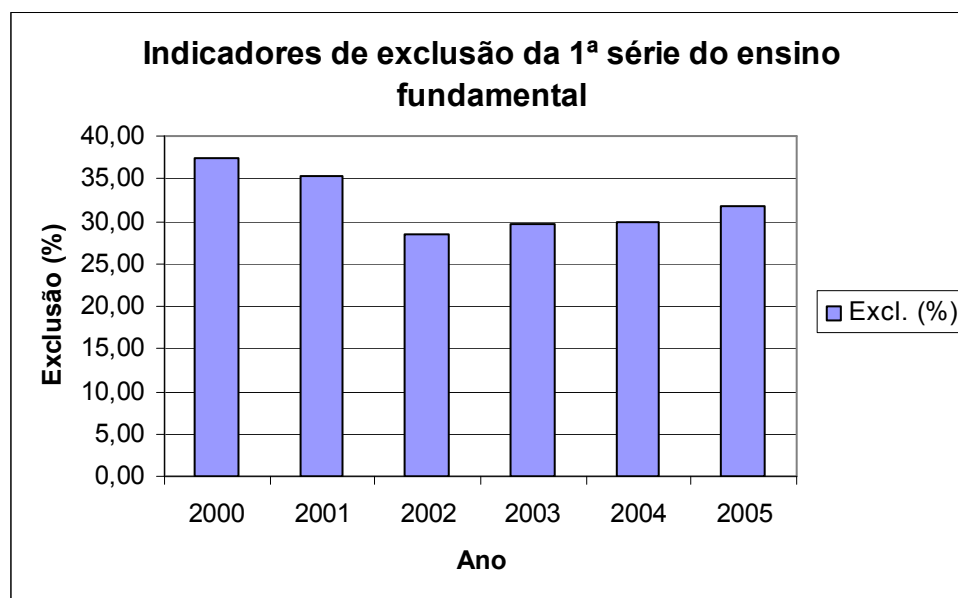


Figura 1 Indicadores de exclusão da 1ª série do ensino fundamental

Todavia, há que ressaltar que os indicadores de exclusão representam a média da rede. Ao analisar estes dados por escola o quadro é ainda mais assombroso. Esse foi o passo seguinte na busca da identificação das duas escolas com maior indicador de exclusão.

Aplicando o conceito estatístico de moda na série criada com o percentual de excluídos das escolas urbanas da rede pública municipal de ensino, foi possível identificar as duas escolas que atendem ao critério de maior exclusão. Estas escolas serão chamadas de A e B, respectivamente a que tem o maior indicador de exclusão e a que tem o segundo maior percentual de exclusão escolar.

Os dados da escola A, constituindo uma série histórica do século XXI, entre os anos de 2000 a 2005, estão compatibilizados na tabela a seguir.

Tabela 2 Dados da 1ª série do ensino fundamental da Escola A

Ano	Matric.Inic.	Transfer.	Transfer.(%)	Abandono	Abandono(%)	Cancel.	Cancel.(%)
2000	279	22	7,89	47	16,85	0	0,00
2001	363	24	6,61	42	11,57	0	0,00
2002	344	35	10,17	17	4,94	0	0,00
2003	324	24	7,41	14	4,32	0	0,00
2004	336	21	6,25	37	11,01	0	0,00
2005	363	28	7,71	23	6,34	0	0,00

Ano	Matric.Final	Reprov.	Reprov.(%)	Aprov.	Aprov.(%)	Excl.	Excl. (%)
2000	210	105	50,00	105	50,00	152	54,48
2001	297	181	60,94	116	39,06	223	61,43
2002	292	139	47,60	153	52,40	156	45,35
2003	286	159	55,59	127	44,41	173	53,40
2004	278	150	53,96	128	46,04	187	55,65
2005	312	167	53,53	145	46,47	190	52,34

Na escola A, apenas no ano de 2002 o índice de exclusão foi inferior a 50%. Mesmo assim, atingiu um patamar de 45,35%, significando que de 292 crianças inicialmente matriculadas na primeira série do ensino fundamental, 156 fazem parte daquelas que foram excluídas. Destas, 17 abandonaram os estudos. Nos outros anos, em média, a cada duas crianças uma ficou excluída do processo educacional. O ano mais crítico foi o de 2001, quando o percentual de exclusão escolar atingiu 61,43%. O gráfico abaixo representa o percentual de exclusão ao longo do século XX.

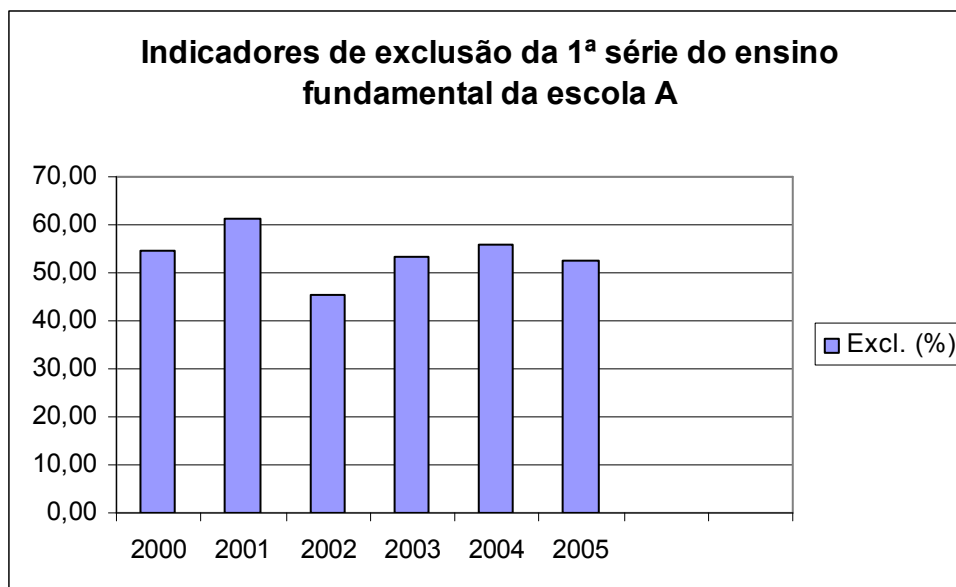


Figura 2 Indicadores de exclusão da 1ª série do ensino fundamental da escola A

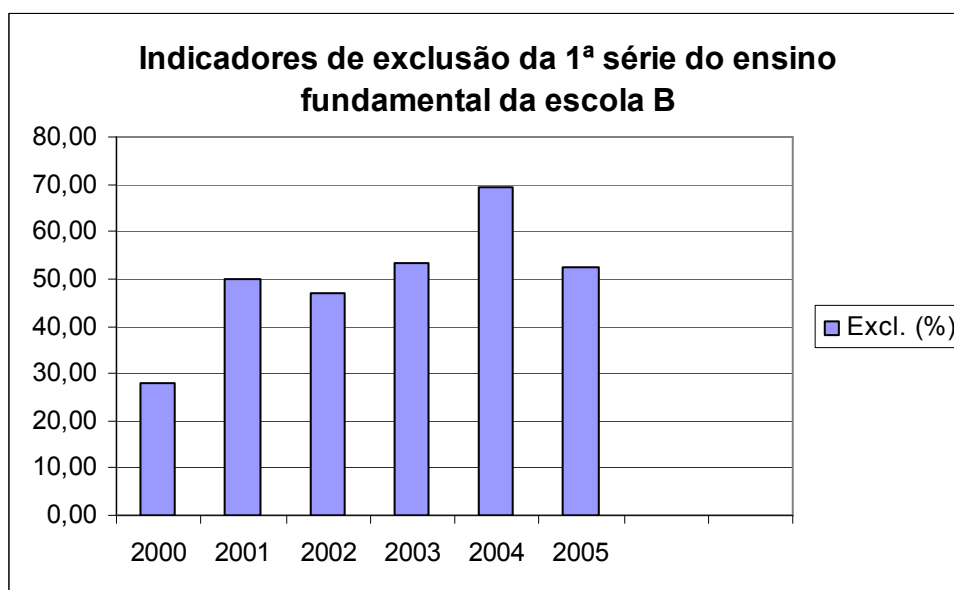
Abaixo está a tabela referente a escola B, a segunda da rede em termos de exclusão escolar. Como é possível observar, o indicador de exclusão partiu em 2000 de um patamar de 27,85%, consideravelmente abaixo da média da rede municipal de ensino para aquele ano, que foi de 37,37%. Todavia, praticamente dobrou no ano seguinte, quando atingiu 50%. De lá para cá não retornou ao patamar do ano 2000. Ao contrário, chegou ao índice extremamente significativo de 69,44% em 2004, o que significa que, de cada três alunos matriculados na 1ª série do ensino fundamental, apenas um não foi acometido dos efeitos da exclusão escolar. Este indicador ganha maior visibilidade se analisado em conjunto com o número inicial de matrículas, que foi de 36, o menor em toda a série, criando uma relação indireta entre número de alunos e exclusão escolar.

Tabela 3 Dados da 1ª série do ensino fundamental da Escola B

Ano	Matric.Inic.	Transferência	Transfer.(%)	Abandono	Abandono(%)	Cancel.	Cancel.(%)
2000	79	10	12,66	15	18,99	0	0,00
2001	66	3	4,55	14	21,21	0	0,00
2002	64	4	6,25	15	23,44	0	0,00
2003	101	13	12,87	27	26,73	0	0,00
2004	36	1	2,78	14	38,89	0	0,00
2005	42	1	2,38	7	16,67	0	0,00

Ano	Matric.Final	Reprov.	Reprov.(%)	Aprovados	Aprov.(%)	Excluídos	Excl. (%)
2000	54	7	12,96	47	87,04	22	27,85
2001	49	19	38,78	30	61,22	33	50,00
2002	45	15	33,33	30	66,67	30	46,88
2003	61	27	44,26	34	55,74	54	53,47
2004	21	11	52,38	10	47,62	25	69,44
2005	34	15	44,12	19	55,88	22	52,38

O gráfico abaixo mostra o crescimento do problema da exclusão na escola B. Fica visível uma tendência a uma média em torno de 50%, isto é, a exclusão escolar tende a afetar metade das crianças que se matriculam na primeira série desta escola. Os indicadores da exclusão aqui construídos, entre outras possibilidades, podem tornar-se um efetivo instrumento de gestão, permitindo não apenas um diagnóstico preciso, mas, também, a possibilidade de se antever situações, possibilitando uma intervenção preventiva, antes que uma intervenção pedagógica corretiva se faça necessária.

**Figura 3** Indicadores de exclusão da 1ª série do ensino fundamental da escola B

A seguir apresentamos os dados das duas escolas que, na posição oposta às escolas A e B, possuem os menores indicadores de exclusão escolar. Essas escolas foram identificadas a partir da mesma metodologia utilizada anteriormente, isto é, através do conceito estatístico de moda. Essas são as escolas da rede que mais sucesso escolar vem apresentando nos últimos anos. Essas escolas serão chamadas de escolas X e Y, respectivamente a que tem menor índice de exclusão e a que tem o segundo menor percentual de exclusão.

A escola X apesar de se constituir como a que apresenta os menores indicadores de exclusão da rede pública municipal de ensino, depara-se com uma tendência crescente de exclusão. Chama a atenção na análise dos seus dados o fato de entre os anos 2001 e 2002 ter duplicado seu indicador de exclusão. Certamente, a próxima etapa da pesquisa, que propiciará uma análise qualitativa da realidade dessas escolas, vai possibilitar uma melhor compreensão desse fenômeno. Infelizmente, a tendência atual é de crescimento da exclusão escolar na escola X. Em 2005, o índice de exclusão atinge o patamar de 18,18%, muito superior aquele de 2000, quando era de apenas 9,68%.

Tabela 4 Dados da 1ª série do ensino fundamental da Escola X

Ano	Matric. Inic.	Transfer.	Transfer.(%)	Abandono	Abandono(%)	Cancel.	Cancel.(%)
2000	62	4	6,45	1	1,61	0	0,00
2001	62	3	4,84	1	1,61	0	0,00
2002	63	12	19,05	4	6,35	1	1,59
2003	58	14	24,14	0	0,00	1	1,72
2004	56	1	1,79	2	3,57	0	0,00
2005	55	3	5,45	0	0,00	3	5,45

Ano	Matric. Final	Reprovados	Reprov.(%)	Aprovados	Aprov.(%)	Excluídos	Excl. (%)
2000	57	5	8,77	52	91,23	6	9,68
2001	58	4	6,90	54	93,10	5	8,06
2002	46	5	10,87	41	89,13	10	15,87
2003	43	7	16,28	36	83,72	8	13,79
2004	53	8	15,09	45	84,91	10	17,86
2005	49	7	14,29	42	85,71	10	18,18

O gráfico abaixo permite visualizar melhor o crescimento do fenômeno da exclusão nessa escola. Novamente, este indicador acende um sinal de alerta à comunidade escolar, mostrando a necessidade de uma intervenção urgente visando a recuperação dos indicadores de sucesso escolar dessa escola.

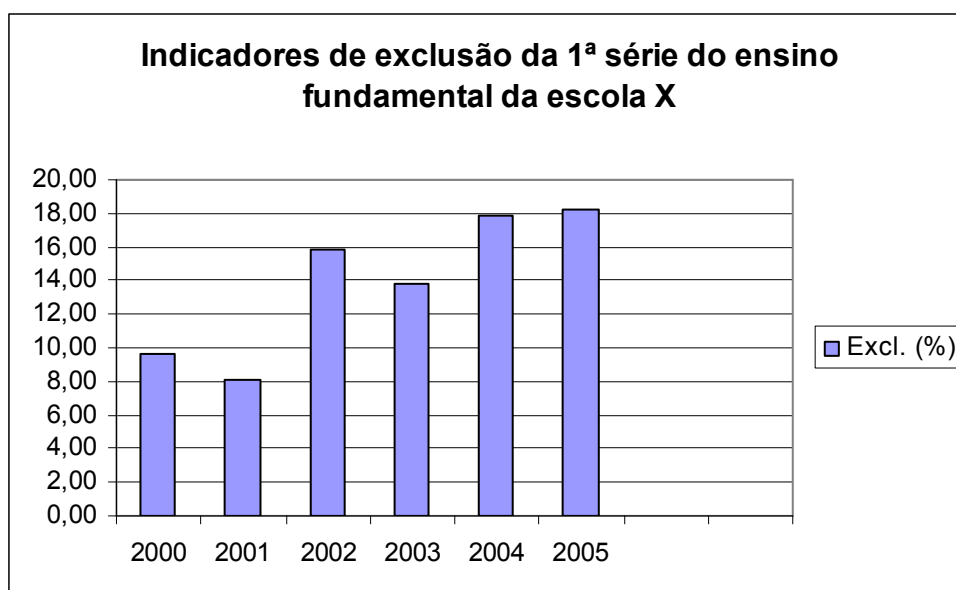


Figura 4 Indicadores de exclusão da 1ª série do ensino fundamental da escola X

A escola Y, da mesma forma que a anterior, atinge o maior índice de exclusão escolar no ano de 2005, abrangendo 22,92% dos seus alunos. Esse índice mostra que praticamente um em cada quatro alunos é atingido pelos mecanismos da exclusão escolar. O melhor percentual aconteceu no ano letivo de 2002, quando dos 89 alunos matriculados inicialmente, nove foram reprovados, não havendo nenhum tipo de abandono naquele ano.

Tabela 5 Dados da 1ª série do ensino fundamental da Escola Y

Ano	Matric. Inic.	Transfer.	Transfer.(%)	Abandono	Abandono(%)	Cancel.	Cancel.(%)
2000	145	8	5,52	0	0,00	2	1,38
2001	156	3	1,92	0	0,00	2	1,28
2002	92	3	3,26	0	0,00	0	0,00
2003	90	3	3,33	1	1,11	0	0,00
2004	94	0	0,00	0	0,00	0	0,00
2005	96	4	4,17	0	0,00	2	2,08

Ano	Matric. Final	Reprovados	Reprov.(%)	Aprovados	Aprov.(%)	Excluídos	Excl.(%)
2000	135	25	18,52	110	81,48	27	18,62
2001	151	22	14,57	129	85,43	24	15,38
2002	89	9	10,11	80	89,89	9	9,78
2003	86	14	16,28	72	83,72	15	16,67
2004	94	11	11,70	83	88,30	11	11,70
2005	90	20	22,22	70	77,78	22	22,92

O gráfico de exclusão da escola Y apresenta uma descontinuidade em termos de tendência nos últimos quatro anos. A tendência inicial de diminuição da exclusão observada nos três primeiros anos da série é quebrada em 2003, quando quase dobra o percentual de alunos excluídos. Novamente reduz em 2004, mas retoma um brusco crescimento, mais do que duplicando seu valor em 2005. Observa-se, com o auxílio do quadro anterior, que as grandes oscilações ocorreram a partir do momento em que o número de matrículas diminuiu e se tornou praticamente estável, em torno dos 90 alunos.

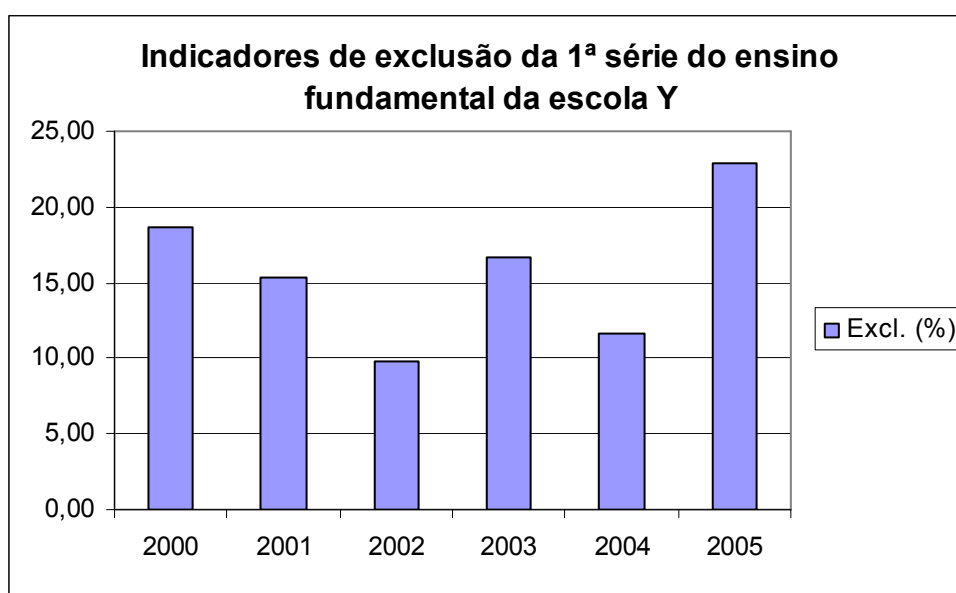


Figura 5 Indicadores de exclusão da 1ª série do ensino fundamental da escola Y

Considerações finais

Com o auxílio do referencial teórico utilizado até aqui e com os dados obtidos ao longo dessa primeira etapa da pesquisa, fica evidente a gravidade da exclusão escolar nas escolas públicas da cidade de Pelotas. Apesar de o estudo quantitativo estar restrito a 1ª série do ensino fundamental da rede pública do município de Pelotas, é presumível inferir que este fenômeno está latente em outras redes públicas de ensino.

É possível estabelecer algumas conclusões importantes com os dados aqui analisados até o momento. Se de um lado as pesquisas sobre exclusão escolar revelam que a escola se constitui como reprodutora das desigualdades sociais e da dominação, por outro revelam que no interior da escola, assim como na sociedade, surgem

contradições que favorecem um embate de idéias e atitudes que poderão provocar rupturas nos discursos e práticas desenvolvidas nesse processo (Souza, 2000).

Fica evidente, também, que o problema da exclusão escolar está fortemente ligado a outros processos de exclusão. Pesquisas consideram que uma de suas causas prioritárias é a falta de recursos materiais (Costa, 2001), bem como a falta de atenção a aspectos subjetivos dos alunos. É importante salientar que a vulnerabilidade relativa à evasão tem diferentes níveis e todos devem ser levados em conta para que se possa compreender porque os alunos evadidos, em grande parte, não retornam à escola, apesar das propostas de reinserção feitas pelo poder público. Como mostrou Guimarães (2003), o que as pessoas e a sociedade recebem em retorno a essa violência inicial é uma enorme dificuldade de reinserção desses jovens ao contexto escolar.

Os dados relativos à exclusão escolar encontrados na rede de ensino de Pelotas mostram a importância de se investigar em profundidade as políticas públicas na área da educação. Além disso, os dados aqui apresentados apontam para a necessidade de se pesquisar a dinâmica da instituição escolar, que é conhecida por ser excludente, da mesma forma que a sociedade em que a escola está inserida. A investigação da vida da escola, das crianças e jovens que nela estudam e dos que vivem fora dela são tarefas que a continuidade desta pesquisa impõe, em sua próxima etapa.

A cultura da excludência instalou-se na espinha dorsal da organização escolar. Essa cultura é que explica a convivência das comunidades escolares com os altos índices de exclusão escolar encontrados na rede pública de ensino pesquisada. Como mostrou Arroyo (1997, p.22), “sem uma revisão profunda dessa ossatura, dificilmente podemos pensar numa cultura do sucesso”. Só há ensino quando há aprendizagem. Se não há aprendizagem, não há ensino, não se materializa o resultado da ação do trabalho docente, que é o trabalho pedagógico. Portanto, a exclusão escolar tem vínculo com diversos fenômenos, que a complexificam e a explicam. Não é possível naturalizar essa relação. É necessário investigá-la na busca do sucesso escolar.

A partir dos dados aqui apresentados, foi constatado que a exclusão escolar na 1ª série do ensino fundamental da rede municipal de Pelotas está, em média, acima de 30%. Isto é, de cada três alunos que se matriculam na 1ª série do ensino fundamental, mais de um é tocado pela exclusão. O alto índice de exclusão chega a 69,44% no ano de 2004 em uma das escolas mais atingidas por esse fenômeno. Assim, concluímos a primeira etapa desta pesquisa. Agora, trata-se de ir adiante, investigar qualitativamente a

realidade da exclusão *na* escola e *da* escola (Ferraro, 2004) na rede municipal de ensino de Pelotas.

A etapa que se segue, referente ao estudo de campo qualitativo, vai possibilitar uma melhor compreensão destes dados. Em especial, vai possibilitar a produção de conhecimentos que auxiliam na compreensão do processo de exclusão escolar em aspectos bastante complexos, como os elencados na seção referente a metodologia desta pesquisa. Se, por um lado, fica evidente que a realidade da exclusão escolar não pode ser abarcada e compreendida apenas com dados quantitativos, é certo que não é possível diminuir a importância dos indicadores aqui obtidos e produzidos. A compreensão e o entendimento do fenômeno da exclusão escolar, em toda sua complexidade, necessitam de aporte teórico e, sem dúvida, conhecimentos ancorados na dura realidade encontrada ainda hoje na escola pública brasileira.

Referências

- ABRAMOWICZ, Anete. Quem são as crianças multirepetentes? In: ABRAMOWICZ, Anete e MOLL, Jaqueline. *Para além do fracasso escolar*. Campinas, Papirus, 1997.
- ARROYO, M. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICS, A. E Moll, J. (orgs.) *Para Além do Fracasso Escolar*. Campinas, Ed. Papirus, 2000, 3ª edição, pp.11-26.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Portugal: Porto Editora LDA, 1994.
- BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRASIL, Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Geografia da educação brasileira 2001*. Brasília: MEC/INEP, 2003.
- CAMPOS, Maria Malta. *Educação e políticas de combate à pobreza..* Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 24, 2003.
- CASTEL, R. *As metamorfoses em questão social*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CAVA, Patrícia Pereira. *O aprender: significações construídas por crianças de classes populares*. Porto Alegre, 1997 (Dissertação de Mestrado, UFRGS/ FAGED)
- COSTA, A. B. *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva, 2001.

- DAMIANI, Magda F. *Fracasso Escolar na escola fundamental: da identificação de fatores de risco extra-escolares ao entendimento dos processos intra-escolares*. Anais da 23ª Reunião Anual da ANPED. MG, 2000.
- FERNANDES, Claudia de Oliveira. *Fracasso escolar e escola em ciclos : tecendo relações históricas, políticas e sociais*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/28/gt13.htm>> Acesso em 13mar. 2007.
- FERRARI, Alceu Ravello. Diagnóstico da escolarização no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 12 p.22-47, set./dez.1999.
- FERRARO, Alceu. *Diagnóstico da alfabetização e escolarização de crianças e adolescentes no Brasil segundo o censo demográfico de 2000*. Mimeo, s/d.
- FERRARO, Alceu Ravello. Escolarização no Brasil na ótica da exclusão. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández. *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FERREIRO, Emília. & Teberosky, Ana. *Psicogênese da língua escrita* Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- GUIMARÃES, Ana Archangelo. *Exclusão social e exclusão escolar da perspectiva da emoção*. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/gt13anped/textos26ra/anaarchangeloguimaraes.pdf>>
- HOUT, Réjean. *Métodos quantitativos para as ciências humanas*. Lisboa: Instituto Jean Piaget, 1999.
- ITEPA. *Dados sócio-econômicos do município de Pelotas*. Disponível em <<http://www.ucpel.tche.br/itepa>>
- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- LÜDKE, M. Evoluções em Educação. In: Franco, C. (org.) *Avaliação, Ciclos e Promoção Na Educação*. Porto Alegre, Ed. ArtMed, pp.29-33, 2001.
- MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva Maria. A compreensão do fracasso escolar. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández. *Fracasso escolar: uma perspectiva multicultural*. PORTO Alegre: Artmed, 2004.
- NÓVOA, Antônio. Diz-me como ensinas, dir-te-ei quem és e vice-versa. In: FAZENDA, Ivani. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. 2.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1997.
- OLIVEIRA, A velino da Rosa. Exclusão social e educação: um novo paradigma? *Educação & Realidade*. Porto Alegre. V.24, n.2, jul./dez. 1999.

OLIVEIRA, Avelino da Rosa. O conceito "Exclusão" na literatura educacional brasileira: os primeiros 25 anos (1974- 1999). *História da Educação*. V. 10, n. 19, Pelotas: ASPHE/UFPel, Abril, 2006.

PARO, V. H. *Reprovação Escolar - renúncia à Educação*. São Paulo, Ed. Xamã, 2001.

PATTO, Maria Helena de Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1990

PATTO, Maria Helena Souza et alii. O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991-2002): um estudo introdutório. *Educação e Pesquisa*. v.30, n.1. São Paulo. Jan/abr. 2004. Versão impressa.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: artes Médicas, 1991.